

Silêncio e chuva

A chuva intensa e o silêncio foram as duas marcas maiores dos momentos que se seguiram ao anúncio da morte do Papa nas centenas de peregrinos reunidos ontem na Capelinha das Aparições, no Santuário de

Fátima.

Os sinos da Basílica tocaram, à semelhança do que sucedeu na Sé de Leiria, sede da Diocese de Leiria-Fátima, e muitos peregrinos recolheram-se num profundo silêncio em oração pela morte de João Paulo II.

A chuva intensa que se fez sentir esta noite na cidade de Fátima afastou muitos peregrinos das celebrações, apesar disso, o calor humano da noite não se perdeu, num recolhimento de vários minutos de silêncio.

"Ele não morreu, partiu apenas", afirmou um peregrino, que participava nas celebrações.

Números

João Paulo II fez, no decurso dos seus mais de 26 anos de pontificado, o terceiro mais longo da história da Igreja Católica, mais viagens, canonizações e beatificações do que qualquer dos seus antecessores.

O polaco Karol Woytila, um dos Papas mais poliglotas de sempre - falava praticamente todas as línguas ocidentais e uma grande parte das do leste, bem como latim e grego - foi também o chefe da Igreja Católica mais viajado.

Desde a sua primeira viagem ao México (1979), visitou 131 países e 619 cidades, aldeias e santuários. Percorreu mais de 1,7 milhões de quilómetros, em 104 viagens internacionais e 143 visitas pastorais em Itália, correspondentes a mais de 31 voltas ao globo e 3,23 vezes a distância da Terra à Lua.

O funeral

O funeral solene de João Paulo II realiza-se quarta-feira, na Basílica de São Pedro. Nos dois dias anteriores ao do funeral, o cadáver ficará em câmara ardente na Basílica. A Itália decretou três dias de luto nacional.



De anti-nazi a chefe da Igreja

João Paulo II, que ontem faleceu, o primeiro Papa eslavo, protagonizou um dos pontificados mais longos e controversos do século XX, dominado por posições conservadoras e pela influência em alguns dos acontecimentos políticos mais relevantes da história recente.

Karol Józef Wojtyla nasceu no seio de uma família modesta em Wadowice, 50 quilómetros a sudoeste de Cracóvia, na Polónia, a 18 de Maio de 1920.

Alfaiate de profissão, o pai serviu o exército austríaco como sargento, integrando depois as fileiras do exército polaco.

Filho mais novo de três irmãos, Lolek (como era conhecido) perdeu toda a família antes de completar os 21 anos: primeiro a irmã, ainda na infância, a mãe aos oito anos, o irmão mais velho quando tinha 11 e o pai aos 20 anos.

Aos 15 anos participou na instrução dos pelotões de treino militar e três anos mais tarde, altura em que se transferiu com o pai para Cracóvia, inscreveu-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de Cracóvia.

Durante a invasão nazi da Polónia, Wojtyla e um grupo de jovens polacos cria-

ram uma universidade clandestina, como forma de resistirem ao encerramento das universidades polacas decretado pelos alemães. Por razões de sobrevivência, viu-se posteriormente obrigado a trabalhar como mineiro.

Ordenado sacerdote em 1946, Wojtyla licenciou-se em Teologia na Universidade Pontifícia de Roma Angelica e mais tarde em Filosofia.

Em 1958, foi consagrado Bispo Auxiliar do Administrador Apostólico de Cracóvia, monsenhor Baziak, tornando-se o mais novo membro do Episcopado polaco.

Participou nos trabalhos do Concílio Vaticano II e, com a morte de Baziak, em 1964, passou a desempenhar as funções de Bispo, cargo que ocupou durante dois anos, altura em que o Papa Paulo VI elevou Cracóvia a Arquidiocese.

Três anos mais tarde, em 1967, o arcebispo Wojtyla era ordenado cardeal.

A 16 de Outubro de 1978, depois da morte de João Paulo I, 33 dias após a sua eleição como Papa, Karol Wojtyla foi eleito, aos 58 anos, como o 265º sucessor de Pedro à frente dos destinos da Igreja Católica, interrompendo mais de 400 anos de eleição de Papas italianos.

Martinez responsável provisório da Igreja

A sua condição de camerlengo é equivalente à de um regente

O cardenal espanhol Eduardo Martinez Somalo tornou-se ontem responsável provisório da Igreja Católica, após a morte de João Paulo II, já que a sua condição de camerlengo é equivalente à de um regente.

Compete ao cardenal camerlengo assumir a chefia da Igreja Católica quando morre um Papa, ficando responsável pela gestão da transição para o sucessor do Sumo Pontífice.

Natural de Banos del Rio Tobia, na Rioja, norte de Espanha, onde nasceu a 31 de Março de 1927, Martinez Somalo foi ordenado sacerdote em 1950 em Roma, cidade onde tem passado desde então grande parte da sua vida, embora também tenha prestado serviço apostólico no Reino Unido e na Colômbia.

Pouco depois de chegar à cátedra de São Pedro, em 1979, João Paulo II escolheu Martinez Somalo para as funções de substituto na Secretaria de Estado do Vaticano, uma espécie de adjunto do primeiro-ministro da Santa Sé, ajudado por outros cardeais da Cúria romana.



Dotado de sentido de humor, o cardenal Somalo, é uma personalidade muito apreciada no Vaticano.

Em 1988 foi elevado ao cardinalato, passando a assumir a prefeitura (equivalente ao cargo de ministro) da Congregação para o Cuto Divino e Disciplina dos Sacramentos e da Congregação para os Institutos da Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica.

Em Abril de 1993 foi escolhido por João Paulo II para camerlengo da Igreja Católica, cargo que o torna, por morte de Karol Wojtyla, no administrador dos bens e dos direitos temporais da Santa Sé, ajudado por outros cardeais da Cúria romana.

As últimas horas do Santo Padre

Poucas horas antes de ser anunciada a sua morte, a última informação dava conta de que o papa João Paulo II sofria de uma febre muito elevada, mas respondia "correctamente" quando interpelado por pessoas que o acompanhavam.

Após o porta-voz do Vaticano, Joaquín Navarro Valls, ter declarado que o Sumo Pontífice pode estar "cons-

ciente" dos milhares de pessoas que, no exterior do edifício, acompanham o seu estado de saúde, as manifestações de apoio mostraram novo vigor.

Atentos às janelas dos apartamentos do Papa, peregrinos, escuteiros e demais pessoas deram vivas e entoaram canções acompanhados de guitarras. Horas depois todos choravam a morte de João Paulo II.